

## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19: o que revelam docentes de uma escola pública do Distrito Federal?

*Lucineide Alves Batista Lobo<sup>1</sup>*

*Solange Alves de Oliveira Mendes<sup>2</sup>*

*Eixo temático: 10 – Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas*

**Resumo:** Esse estudo objetivou analisar os processos didáticos e pedagógicos da alfabetização e do letramento nesse período de ensino remoto, decorrente da pandemia da COVID-19. A finalidade é entender como os/as docentes estão encaminhando a prática e que meios tem utilizados para promoverem a apropriação da escrita alfabética bem como a autonomia na leitura, compreensão e produção textual. Foi realizado numa escola pública do Distrito Federal, localizada na Região Administrativa de Planaltina, nos três primeiros anos do ensino fundamental. Teoricamente, está ancorado em autores/as, tais como: Ferreira e Teberosky (1999); Moraes (2012, 2019); Oliveira (2004) e Soares (2018, 2020). A pesquisa é de natureza qualitativa e, para a produção dos dados, recorreu-se à técnica grupo focal realizada com quatro professoras alfabetizadoras da instituição. Para o tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977). Os resultados apontaram que as docentes reinventaram suas práticas, estreitaram as relações profissionais e se fortaleceram com um trabalho coletivo e coordenado. Elencaram como ponto positivo os momentos de formação que foram proporcionados nesse período.

**Palavras-chaves:** alfabetização, letramento, pandemia, ensino remoto.

### Introdução

Em tempos de isolamento social, temos experimentado, com a suspensão das aulas presenciais, uma série de questionamentos referentes ao processo de alfabetização, leitura e produção de textos. Sabemos que o contato dos professores com os estudantes é

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília. Professora da Educação Básica do Distrito Federal. Contato: [lucineidelobo@gmail.com](mailto:lucineidelobo@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Contato: [solangealvesdeoliveira@gmail.com](mailto:solangealvesdeoliveira@gmail.com)

imprescindível e insubstituível, contudo, foi necessário criar novas estratégias para dar continuidade ao desenvolvimento das crianças, tendo em vista que é necessário utilizar os recursos disponíveis no momento, objetivando minimizar os efeitos ocasionados pelas medidas preventivas de segurança e evitar a propagação da COVID-19.

Considerando esse contexto atual, e visando o compromisso da escola em garantir o acesso aos meios dispostos para a concretização da alfabetização, elencamos, como objetivo, compreender como o trabalho docente vem sendo encaminhado, de modo que os estudantes alcancem a apropriação autônoma da leitura e da escrita. Buscamos entender como os/as docentes estão direcionando a prática e que meios têm utilizado para promoverem a apropriação da escrita alfabética, bem como a autonomia na leitura, compreensão e produção textuais (letramento). Alfabetizar é uma prática desafiadora, conduzir o trabalho pedagógico, em circunstâncias da pandemia, requer a necessidade de superação de obstáculos sucessivos, cujo trabalho demanda um exercício cooperativo entre professor, equipe pedagógica e família.

Os professores vêm enfrentando dificuldades concretas no processo interativo com os estudantes, o que implica na segregação das classes desfavorecidas no que concerne à aprendizagem que deveria ser garantida pelo Estado, se consubstancializando no **apartheid** educacional, o qual assevera Moraes (2012). Conforme o autor, no Brasil coexiste um sistema de ensino separatista que convive sem maiores argumentações, e se destinam a públicos distintos: um à classe média e aos burgueses e outro endereçado às classes populares. Acrescentamos que toda essa problemática excludente esboçada aparece ainda mais fortalecida nesse cenário pandêmico.

Esse estudo apresenta uma abordagem qualitativa. Os dados produzidos foram obtidos por meio da realização de um grupo focal com quatro professoras alfabetizadoras na Coordenação Regional de Ensino de Planaltina – Distrito Federal. Para analisar os dados, recorreremos à análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977). A seguir, explicitamos a seção teórica.

## **2 Alfabetização e letramento: novos desafios no contexto da pandemia?**

De acordo com o que fora assinalado anteriormente, entendemos que a criança, em processo de alfabetização, tem o direito de avançar na compreensão do sistema de escrita alfabética (MORAIS, 2012) que é o objeto intrínseco de conhecimento na aprendizagem da leitura e da escrita. Esse sujeito compreende, nesse percurso, que “a palavra oral é uma cadeia sonora independente do seu significado e passível de ser segmentada em pequenas

unidades” (SOARES, 2020, p. 43), passando, assim, a integrar o conjunto de conhecimentos internalizados.

Tendo em vista as contribuições que a teoria da psicogênese da língua escrita promoveu a respeito da apropriação do sistema de escrita alfabética, desde então considerado como sistema e não código, ressaltamos, a existência do reconhecimento da ação dos sujeitos na aprendizagem. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999, p. 31), o método pode ter a função de favorecer ou não a apropriação do conhecimento, contudo, “não pode criar aprendizagem”. Significa que a apropriação do conhecimento resulta da atividade, do esforço cognitivo para tecer suas próprias construções, sendo intelectualmente ativo, conforme explicita as autoras. Não queremos, com isso, tirar de cena o papel do/a docente nessa empreitada.

Diante do exposto, ainda temos debates calorosos acerca dos métodos que se devem utilizar e incongruências no cenário político, desrespeitando anos de concentração de esforços dedicados à pesquisa e relevantes contribuições fomentadas no campo da alfabetização, no Brasil. Podemos exemplificar pela Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019, p. 27), documento que veio ratificando a utilização de um único método para alfabetizar nossas crianças: o fônico, justificado no texto do documento citado que, a forma de passagem “de uma fase para a outra é o conhecimento e o uso que faz do código alfabético, isto é, das relações entre letras e fonemas” desconsiderando a complexidade inerente desse processo, pois tais sons, não são unidades cognitivas espontâneas para os sujeitos (MORAIS, 2012).

Conforme ressaltamos anteriormente, Emília Ferreiro, Ana Teberosky e colaboradores contribuíram, significativamente, com a teoria da psicogênese da língua escrita, realçando o processo do sujeito cognoscente na apropriação da escrita alfabética. Sendo assim, trazem à tona as relações que quem ensina e quem aprende tem acerca do objeto de conhecimento. De acordo com Oliveira (2004), o protagonismo do estudante é fundamental para o seu desenvolvimento, tendo o professor alfabetizador um papel preponderante no conhecimento sobre o objeto a ser ensinado, a expertise da condução do trabalho didático e o entendimento do processo evolutivo trilhado pelos sujeitos. Com base nesse saber, é que podemos definir como ensinar e em que sequência.

O deslocamento do eixo do campo de como ensinar para a compreensão de como a criança aprende, configurou-se em desvincular a ancoragem nos métodos tradicionais de alfabetização e direcionar a atenção para o processo de apropriação do sujeito aprendente. Essas discussões teóricas precisam constantemente ser revisitadas, discutidas e avaliadas para nortear o processo; outro ponto importante a ser debatido é a contextualização dessa

aprendizagem sob aspectos variados, reconhecendo as especificidades inerentes ao letramento, que comunga de singularidades específicas e complementares no campo da aprendizagem da leitura e escrita.

No processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, são estabelecidos aspectos da leitura e da escrita que se aproximam e se distanciam concomitantemente. Soares (2020) aponta que é preciso desenvolver consciência fonográfica e grafofonêmica. No primeiro processo, na leitura ocorre a identificação dos sons da língua, no caso, os fonemas e sua representação gráfica correspondente. No segundo, a escrita, a criança precisa efetivar a relação das letras do alfabeto aos fonemas equivalentes.

Compreendemos que a alfabetização, na contemporaneidade, engloba um conjunto amplo de habilidades linguísticas, partindo do princípio que abarca, além da apropriação da base alfabética de escrita, a autonomia na leitura, compreensão e produção textuais (MORAIS, 2012). Seria o que Soares (2018) aponta como sistema representativo da linguagem oral, ou seja, a faceta linguística da alfabetização. Toda essa complexa tessitura compõe o que consideramos fundamental para os alfabetizandos se inserirem nas práticas de leitura e escrita, visando a promoção da autonomia nas “práticas sociais e eventos de letramento” (FERREIRA; ALBUQUERQUE, 2013, p. 127).

Para avançarmos no processo de leitura e escrita, é necessário que o professor alfabetizador promova oportunidades de reflexão sobre as palavras e também das partes que as compõem. Para discutirmos sobre os procedimentos de apropriação do sistema de notação alfabética, buscamos os indícios de como essa habilidade metalinguística pode favorecer os sujeitos nas diferentes operações cognitivas que realizam desde a compreensão de que se escreve/grafa com letras e não outros símbolos, até a apropriação da norma ortográfica, considerando, claro, o ano-ciclo que está cursando, visto que esse último objeto de conhecimento acompanha a escolarização.

Cabe ressaltar que a consciência fonológica auxilia na compreensão das relações estabelecidas entre sons e grafia (oralidade e escrita), daí que, cabe aos professores/as fomentar essa proposta na sala de aula, envolvendo, assim, estratégias de reflexão referentes às sílabas das palavras, as rimas, unidades intrasilábicas e, finalmente, o fonema. Sobre esse assunto, Morais (2019) destaca que é preciso fazer um ajuste das propostas de atividades direcionadas, e que dinamizem e sejam promovidos jogos e atividades que desenvolvam a consciência fonológica, respeitando os “diferentes níveis de apropriação do sistema alfabético” (MORAIS, 2019, p. 141).

A seção seguinte versará sobre os procedimentos metodológicos adotados nesse estudo.

### 3 Metodologia

Nessa pesquisa, buscamos compreender as concepções referentes à organização didático-pedagógica do ensino de língua portuguesa no bloco inicial de alfabetização, no que se refere à apropriação da leitura e escrita durante o período de pandemia. Nesse aspecto, nos apoiamos em Certeau (1998) quando designa que os acontecimentos cotidianos são permeados de significações, constituindo o que o autor denomina como as **artes de fazer**.

Nessa trajetória, para realizarmos a produção dos dados, optamos pela técnica do grupo focal, que se caracteriza por ser desenvolvida entre um grupo de pessoas reunidas com o objetivo de discutir um tema (POWELL; SINGLE, 1996).

O grupo focal foi realizado com um grupo de quatro professoras de uma escola localizada na Região Administrativa de Planaltina-DF, no mês de maio do ano de 2021. Os dados evidenciados na pesquisa foram tratados à luz da análise de conteúdo temática que, segundo Bardin (1977, p. 38), “aparece como um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”. Desse modo, ao analisarmos os dados obtidos nas mensagens, estaremos relacionando-os de modo a realizarmos comparações contextuais. Uma das etapas da análise de conteúdo temática, também priorizada nesse estudo, é a inferência assinalada por Bardin (1977) e Franco (2005).

A seguir, trataremos sobre a análise dos dados obtidos.

### 4 Resultados e Discussão

No contexto forjado pela pandemia, houve, conforme sublinhamos, a migração do ensino presencial para o ambiente virtual, gerando um processo passível de novas formações estruturais objetivando assegurar a tríade: professor, estudante, objeto de conhecimento e suas diversas relações. O processo de alfabetização se tornou um desafio mediante a necessidade de reconstrução do que foi abruptamente interrompido, sendo importante uma aligeirada adaptação dos professores, estudantes e pais para dar prosseguimento ao ensino da leitura e da escrita.

O trabalho realizado pelas professoras no campo da alfabetização demonstrou que houve um fortalecimento das relações profissionais entre os pares para conseguirem superar os obstáculos que foram se manifestando nessa trajetória, pois as docentes sentiam que as dificuldades eram atenuadas à medida que se estreitavam as conexões didático-pedagógicas no planejamento das ações.

Desse modo, foi possível evidenciar, também, na tessitura da organização

didático-pedagógica das professoras, uma prática que coaduna com o que Chartier (2007, p. 186) preconiza ao expor que “o trabalho pedagógico nutre-se frequentemente da troca de “receitas”, reunidas graças aos encontros e ao acaso”. Destacamos esse ponto porque, por unanimidade, as professoras expressaram como foi e estava sendo importante as trocas de experiências entre os pares, as pesquisas realizadas coletivamente com o intuito de resolver situações que se apresentaram nesse período.

Consonante nas narrativas proferidas, as professoras revelaram não se pautar em um único método de alfabetização. A forma que encontraram para solucionar as adversidades encontradas no processo de alfabetização, foi empregar vários métodos, o que coaduna com (SOARES, 2018) pois as docentes, em suas narrativas, sinalizavam em direção a uma perspectiva de alfabetizar letrando, procurando adequar às situações emergentes que surgiam no dia a dia dos encontros virtuais, mesclando e promovendo uma miscelânea de procedimentos, uma reorganização da prática em que refletiam e a reconheciam como a melhor opção, a mais representativa, o **saber-fazer** que se estabelecia no cotidiano, esclarecido no íterim do espaço de atuação (CERTEAU, 1998).

No campo das tendências identificadas e prioridades observadas, foi recorrente relatarmos, nos três anos constituintes do bloco inicial de alfabetização, a leitura, a escrita e a interpretação textual. Reiteramos que a produção textual foi mencionada parcamente, demonstrando ser uma prática de vultosa dificuldade de condução durante as aulas remotas.

De acordo com as narrativas exploradas no campo das análises, a consciência fonológica foi explorada nos encontros promovidos pela Plataforma Google Sala de Aula. Nesse cenário, observamos a articulação entre a alfabetização e o letramento, já que as professoras utilizaram parlendas e, a partir desse gênero textual, rimas. Além disso, exploravam a letra inicial e final de palavras, separavam os pedaços dessa unidade linguística com os estudantes oralmente (sílabas), pediam que identificassem as letras que formavam as palavras.

Apesar do que fora anteriormente enfatizado, o estudo nos revelou que as docentes vinham conferindo à prática um movimento ousado objetivando alcançar maior número de estudantes por meio dos recursos didáticos, incluindo os digitais: plataforma *online*, apostilas, fotos e vídeos chamadas no Whatsapp, acompanhados pelos vídeos explicativos formulados pelas professoras, vídeos do YouTube, power point produzidos para implementar a alfabetização dos estudantes, traduzido pela vida própria do saber mobilizado na ação docente (CHARTIER, 2007).

Outro ponto passível de reflexão está balizado na ludicidade que o processo de alfabetização requer, na inserção dos componentes didático-pedagógicos que se diluem em sua essência entre vídeos apresentados e corporificados enquanto elemento concreto

possível e disponível nos encontros remotos de aula. Sabemos que uma aprendizagem significativa demanda que essa ludicidade e vivência façam sentido para as crianças.

Um aspecto positivo referenciado pelas docentes se concentrou nas possibilidades formativas que foram ampliadas nesse período de pandemia. As oportunidades foram fortalecidas pelas plataformas de videoconferências, minimizando distâncias geográficas e aproximando troca de experiências que antes não era possível de serem concretizadas.

## **5 Considerações Finais**

Durante o estudo que realizamos, compreendemos que as professoras alfabetizadoras estavam construindo notáveis saberes no processo de ensino e de aprendizagem, de modo a conectarem-se ao novo modelo imposto pela pandemia da COVID-19. O Whatsapp está sendo uma ferramenta essencial nesse processo, acompanhado pela plataforma do Google Meet. As atividades impressas, condensadas nas apostilas, não perderam seu espaço, e, ainda, eram, segundo as docentes, o único recurso disponível para uma parcela dos estudantes que não tinham acesso aos meios tecnológicos de comunicação, sendo a forma de vinculá-los à escola.

Com relação ao processo de alfabetização, o estudo revelou que as professoras lançaram mão, como esperado, de um ecletismo nos saberes mobilizados na ação, que demonstrou a complexidade do trabalho remoto realizado durante a pandemia, havendo uma interação síncrona com um grupo e uma integração assíncrona com outro grupo.

A presença física, que é um fator que contribui, significativamente, com a aprendizagem foi seriamente agravada pelo distanciamento corpóreo, virtual (no caso de alguns estudantes) e familiar de uma parcela das crianças na interação com as professoras, sendo um fator elencado como dificultador para a apropriação da alfabetização das crianças, colaborando, incontestavelmente, com a exclusão social dos sujeitos menos favorecidos do corpo social, aprofundando o fosso da desigualdade que lampeja na sociedade.

Houve, no predomínio das narrativas, que ocorreu maior facilidade com relação ao acesso às formações oferecidas que se distanciavam no espaço geográfico e temporal no acesso e alcance do público alvo, as professoras. Foram várias atividades formativas proporcionadas nesse período direcionado aos/as professores/as alfabetizadores/as, podendo, também, compartilhar experiências exitosas, constituindo redes de apoio que vinham fortalecendo a prática alfabetizadora na escola.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.
- FERREIRA, Andréa Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Sílabas, sim! Método silábico, não! In: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. (Orgs.). **Alfabetizar Letrando na EJA: fundamentos Teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (p.113 – 127).
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Edição comemorativa dos 20 anos de publicação. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- MORAIS, Artur Gomes. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- OLIVEIRA, Solange Alves de. **O ensino e a avaliação do aprendizado do sistema de notação alfabética numa escolarização organizada em ciclos**. 2004. 291 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- POWELL, Richard Alan. SINGLE, Helen M. Methodology Matters - V. **International Journal of Quality Health Care**. V. 8, n. 5, p. 499-504, 1996.
- SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2018.
- SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.